

A close-up photograph of a dragon's head, likely from a theme park. The dragon has a white horn on the right side of its head and a body covered in dark brown, textured scales. The background is a light-colored wall with a circular opening. The text is overlaid on an orange rounded rectangle at the top.

Shrek

Signos para o dialogismo

FRANCISMAR FORMENTÃO

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO

1. Introdução

O filme Shrek ganhou fama realizando diálogos com a cultura contemporânea, a partir de uma narração aparentemente sobre a aceitação das diferenças entre espécies, apresenta signos em que subverte contos de fadas, desenhos animados, filmes e fábulas consagradas, promovendo para além do riso, crítica e posicionamento em relação à indústria do cinema.

Neste estudo, o objetivo é apresentar como a continuação desta produção, em Shrek 2, dialoga com estes signos em sua narrativa fílmica, para isso, centramos metodologicamente esta pesquisa no dialogismo, como sendo o princípio constitutivo da linguagem. O dialogismo refere-se ao princípio geral do agir, pois todo, ato é situado e responde a outro (BAKHTIN, 1992). Todo signo, enunciado ou discurso, está dialogicamente respondendo para um outro, no caso dos filmes, estes respondem às referências que organiza, ao público com quem dialoga, e a própria indústria que está inserido, investidores e concorrentes.

2. Shrek, signos para o dialogismo

Retrospectivamente, o dialogismo de Shrek 2 dá continuidade à narrativa de Shrek, amplia ainda mais as interações com signos da cultura contemporânea, sejam contes de fadas, desenhos animados ou filmes famosos, e esta lista

[...] facilmente detectável é longa: Os caça-fantasmas, Os caçadores da arca perdida, Advinha quem vem para jantar, Frankenstein, A máscara do Zorro, O corcunda de Notre-Dame, Flashdance, O homem aranha, O senhor dos anéis, Missão impossível, A primeira noite de um homem, A um passo da eternidade, por exemplo. E ainda: O mágico de Oz, A bela e a fera, A pequena sereia, Cinderela, O cavaleiro sem cabeça, O biscoito de gergelim, João e Maria, Chapeuzinho vermelho, Irmã feia, O gato de botas, A bela adormecida, Pequeno polegar, O burro falante, Capitão gancho etc. (FORMENTÃO, 2011, p. 3).

O filme é uma produção do estúdio de animação dos Estados Unidos da América DreamWorks Animation SKG/Pacific Data Images, o primeiro produzido com continuações devido ao seu sucesso com o público. A história tem origem no livro de homônimo de William Steig (1907-2003). Com fama consolidada, dedica-se à literatura infantil tardiamente: em 1968 publica CDB! O primeiro de uma considerável série de livros infantis. Verifica-se neles o humor sofisticado, os desafios, as descobertas, desejos, medos, sensações do mundo da criança.

Roteirista da série de Shrek, apesar da idade avançada, Steig declarou, sobre sua formação artística, a importância dos filmes de Charles Chaplin, Robinson Crusoe, Robin Hood, *As lendas do Rei Arthur*, *Pinóquio*, *Os contos dos Irmãos Grimm*, entre outros.

Shrek, o mal-humorado ogro verde, já havia na primeira produção da série passado por inúmeras vicissitudes, obtendo o prêmio final, a princesa Fiona que por amor, abdica definitivamente de sua condição humana para se unir a ele. Retornando da lua-de-mel o casal recebe o convite dos pais da princesa, o rei Harold e a rainha Lillian, para comemorarem o enlace em baile real no reino Tão Tão Distante.

Acompanhados pelo Burro, eles enfrentam tanto a rejeição de todos devido à aparência que têm, quanto as ciladas armadas pela dupla rei Harold/Fada madrinha. Essa ambiciosa personagem cobiça o trono para o seu filho, o fútil e narcisista Príncipe Encantado, o consorte prometido da princesa Fiona, há anos, em acordo selado como pagamento ao feitiço que realizara transformando Harold, então um sapo, em príncipe e permitindo assim que se casasse com Lillian (a quem amava) tornando-se rei. O rei contrata um famoso espadachim matador de ogros, o Gato de Botas (*Os três mosqueteiros*).

Shrek 2 mantém o enredo medieval com novos personagens, parodiando e ironizando a tradição dos contos infantis.

Para Robert Stam, os filmes ampliam “esta noção do artista (produção cultural) como orquestradores das mensagens lançadas por todas as séries – literárias, pictóricas, musicais, cinematográficas, publicitárias etc.” (STAM, 2000, p. 75).

O dialogismo é sustentador da produção de sentido de toda criação humana e é considerado como elemento fundamental desse filme estabelecendo relações de contraste dos atos entre sujeitos e fundando, na sequência narrativa, a diferença.

O discurso constitui qualquer tipo de enunciação, seja exterior ou interior, manifestada ou não. “O discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (BAKHTIN, 1995, p. 123).

O processo de enunciação é constante, não é apenas diálogo, uma fala em voz alta, mas o processo de enunciação que ocorrer em qualquer produção humana. No filme percebem-se enunciações nos personagens, na trama, na imagem, nos sons e até na própria produção cinematográfica em seu momento histórico. “A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão corrente e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação.” BAKHTIN, 1995, p. 125).

Shrek 2 realiza a paródia da construção imaginária presente na literatura dirigida às crianças. Bakhtin discorre em vários textos sobre a potencialidade do humor, a subversão da ordem instituída, ponto fundante do romance de Umberto Eco, *O nome da rosa*. Nessa obra, no encontro final entre Frei Guilherme de Baskerville que indaga a razão de execrar o II Livro da *Poética* de Aristóteles, sobre o riso, visto que vários outros escritores já haviam se dedicado ao assunto, o monge declara:

Porque era do filósofo. Cada livro daquele homem destruiu uma parte da sabedoria que a cristandade acumulara no correr dos séculos [...]. Primeiro olhávamos para o céu, dignando de um olhar agastado a lama da matéria; agora olhamos para a terra, e acreditamos no céu pelo testemunho da terra. Cada uma das palavras do Filósofo sobre as quais já agora juram também os santos e os Pontífices, viraram de cabeça para baixo a imagem do mundo. (ECO, 1983, p. 531-532).

O temor do monge não se dirige contra o humor vulgar dos iletrados, dos simples; pretende erradicar a função do riso justificado filosoficamente para que não seja possível deduzir que o riso iguala os seres humanos, que os simples têm sabedoria e ainda que

[...] este livro pode ensinar aos doutos os artifícios argutos, e desde então ilustres, com que legitimar a inversão [...] O riso distrai, por alguns instantes, o aldeão do medo. Mas a lei é imposta pelo medo, cujo nome verdadeiro é temor a Deus. [...] E deste livro poderia nascer a nova e destrutiva aspiração a destruir a morte através da libertação do medo. (ECO, 1983, p. 533).

Consequentemente, o perigo está em justificar filosoficamente e teologicamente a vivência material, o gozo terreno, a inversão da ordem medieval imposta, não a aceitando como condição necessária para atingir a glória da vida espiritual após a morte.

O processo em Shrek 2 é o de subversão dos cânones difundidos: herói e heroína são belos e após uma série de provações unem-se sendo felizes para sempre; os bons são recompensados e os maus (monstros, bruxas, seres disformes ou apenas feios) são punidos, os problemas são geralmente resolvidos com a aquisição de bens materiais.

Sobre uma base de uma estratificação da linguagem comum, realiza-se a separação da intencionalidade, não se solidarizando completamente com ela pois os discursos narrados são arremedos dos que lhe deram origem; as fronteiras entre ambos são propositalmente ambíguas, uma vez que não se separam completamente dos primeiros autores. (BAKHTIN, 1998, p. 113).

O humor, a paródia, a ironia, segundo o autor são claros exemplos de bivocalidade (“[...] a intenção direta do personagem que fala e a intenção refrangida do autor.”). (BAKHTIN, 1998, p. 127).

A narrativa emerge “[...] na multiplicidade e na diversidade das linguagens em transformação.”, na polissemia dos signos apresentados, transitando no mesmo horizonte axiológico do telespectador. (BAKHTIN, 1998, p. 129).

Há um

[...] aclaramento recíproco internamente dialógico das linguagens, as intenções do discurso que representa não estão de acordo com as do discurso representado, resistem a elas, representam o mundo real objetivo, não com o auxílio da língua representada, do ponto de vista produtivo, mas por meio de sua destruição desmascaradora. (BAKHTIN, 1998, p. 160-161).

O herói da narrativa prefere o isolamento, é avesso ao contato humano, mal-humorado e desconfiado, esquiva-se em assumir atitudes heróicas e seus recursos são limitados diante das ciladas que enfrenta. Seu discurso é próprio, único, típico.

Essa parece ser a filosofia do discurso da novela satírico-realista popular e de outros gêneros inferiores paródicos ou bufos. Além disso, a sensação da linguagem que se encontra na base desses gêneros, é penetrada pela mais profunda desconfiança do discurso humano enquanto tal. (BAKHTIN, 1998, p. 192).

Os personagens do bobo atrapalhado e inconveniente (Burro) e do trapaceiro (Gato de Botas) também polemizam e denunciam as convenções sociais, a pseudo inteligência superior dos demais personagens, os aspectos sérios e convencionais de uma esfera semiótica que é, antes de tudo, imaginação e fantasia.

Satiriza-se a sociedade do espetáculo e do consumo, a ostentação da riqueza, o padrão estético da beleza física, o pacto político-social de poder.

O filme refrata a vida contemporânea, a ideologia do cotidiano, a cisão entre mundo urbano e o rural, a homogeneização de comportamentos e os simulacros sociais.

As perspectivas axiológicas dos enunciados que concentram múltiplas vozes, dialogizam interna e externamente uma cadeia sógnica ininterrupta: o Lobo Mau vestido com a camisola e a touca da avó, lendo uma revista sobre porcos condiz com um personagem ambíguo que tanto pode ser alegre e estar travestido quanto camuflar o fato de ter mesmo comido a avó; o Príncipe Encantado, mimado pela mãe, usa maquiagem reverberando a possibilidade do personagem ter outra opção sexual; a Fada Madrinha tem a fisionomia de uma avó tradicional, sua figura no *outdoor* é *sexy*, provocante, e ela é a articuladora principal da trama contra Shrek e Fiona, invertendo o papel protetor usual das avós e fadas dos contos infantis.

Ocorre a utilização da “[...] palavra do outro pertencente aos outros e que preenche o eco dos enunciados alheios; e, finalmente, como palavra minha, pois, na medida em que uso essa palavra numa determinada situação, com uma intenção discursiva, ela já se impregnou de minha expressividade.” (BAKHTIN, 1992, p. 313).

Elabora-se uma cadeia sígnica, inúmeros índices de valor axiológicos contraditórios: se a narrativa não rompe com a forma clássica de união amorosa entre herói e heroína, por outro lado oferece inúmeras refrações posicionadas entre o imaginário e a realidade material.

São essas refrações as nuances que se determinam nas unidades de oposição, permitindo junto com o riso a reflexão. Quanto deve um pai interferir na escolha de seus filhos? Qual o grau de comprometimento entre seres que se amam? Quanto custa a cada um romper com as regras instituídas?

Nas palavras de Bakhtin,

O riso tem o extraordinário poder de aproximar o objeto, ele coloca na zona do contato direto, onde se pode apalpá-lo sem cerimônia por todos os lados, revirá-lo, virá-lo ao avesso, examiná-lo de alto a baixo, quebrar o seu envoltório externo, penetrar nas suas entranhas, duvidar dele, estendê-lo, desmembrá-lo, examiná-lo e experimentá-lo à vontade. (BAKHTIN, 1998, p. 413).

O riso em Shrek 2 dessacraliza as metamorfoses do corpo, as fórmulas mágicas de sucesso, é livre para apenas assinalar que a memória dos contos passados é para ser esquecida.

3. Signos em diálogo

A seguir apresenta-se uma possibilidade de leitura de alguns quadros do filme Shrek 2 que constituem signos compondo um enredo dialógico que promove refrações de sentido.

Imagem 1 - Caminho



Fonte: Frame retirado do filme Shrek 2 © Dreamworks Studio, 2004.

Nesta imagem é possível observar ao fundo o letreiro “Far Far Away”, Tão Tão Distante que lembra o icônico Letreiro Hollywood em Mount Lee. O caminho que leva a Tão Tão Distante lembra também a famosa estrada Mulholland Drive, que é famosa por levar a Hollywood, transformando-se em filme por David Lynch em 2001 em que critica a indústria do cinema.

Imagem 2 - Burro



Fonte: Frame retirado do filme Shrek 2 © Dreamworks Studio, 2004.

Ao chegar em Far Far Away a música com referências pop do filme e o encanto do Burro falante demonstram o universo badalado dos artistas. Na imagem os famosos coqueiros Beverly Hills, Los Angeles, conhecida por ter mansões de celebridades.

Imagem 3 - Cidade



Fonte: Frame retirado do filme Shrek 2 © Dreamworks Studio, 2004.

O veículo que conduz Shrek e Fiona que lembra o universo dos contos de fadas contrasta com novos sentidos. O veículo que passa ao lado lembra ônibus de dois andares que circulam em grandes cidades como atrativo turístico.

Imagem 4 - Loja e Imagem 5 - Shrek



Fonte: Frames retirados do filme Shrek 2 © Dreamworks Studio, 2004.

Diversos logotipos de marcas famosas são lembrados nestas cenas. Nas imagens acima, Versace e Burger King.

Imagem 6 - Visão Panorâmica e Imagem 7 - Cavalos



Fonte: Frames retirados do filme Shrek 2 © Dreamworks Studio, 2004.

O universo mostrado, mesmo sendo medieval, apresenta signos ideológicos do presente. Na primeira imagem há um transporte que lembra uma luxuosa limusine. Na segunda imagem o cavaleiro medieval atua como um guarda de trânsito e o flanelinha limpa o cavalo. Ainda, ao fundo, vendo-se com atenção, passa um veículo vermelho com muitos cavalos, a frente que lembra uma Ferrari.

Imagem 8 - Castelo



Fonte: Frame retirado do filme Shrek 2 © Dreamworks Studio, 2004.

O local em que chega o herói do filme, Shrek, e que passará por perseguições e proações comprovando seu valor, lembra o logo da Disney, maior concorrente da recém-criada DreamWorks, produtora do filme.

Estas imagens ajudam a compreender o filme com os signos orientados com sentidos ideológicos para certa produção de sentido. Do filme e de seu enredo, e para um diálogo com o mundo ligado ao cinema.

Shrek – Todas as referências do filme em um vídeo comparativo

Shrek 2 Trailer Dublado

IMDB - Outras informações sobre o filme

4. Considerações finais

O filme Shrek 2 é um produto comercial que responde à lógica do sistema de produção e consumo capitalista, como signo do cinema, também apresenta marcas dialógicas do cinema e da cultura. Assim, o signo Shrek, os signos do filme e o próprio signo filme são ideológicos e como Bakhtin afirma, possuem um significado que remete a algo situado fora destes signos.

Castoriadis (1991) enfatiza as significações vinculadas pelos signos e o sistema de significados (representações, ordens, injunções, incitações, etc.), detendo-se nas necessidades históricas que existem em sociedades distintas e em instituir determinados sistemas de signos e significados – e não outros – que permitem uma operacionalização de representações que não são reais e que na prática organizam os comportamentos e a consciência humana nas relações sociais. O autor afirma que o imaginário social é um reflexo e uma refração ideológica “[...] das condições reais e da atividade social dos homens.” (CASTORIADIS, 1991, p. 177).

A existência humana é definida nas relações entre a superestrutura e a infraestrutura em termos históricos sociais. Toda sociedade não se organiza em estruturas ou princípios exclusivamente racionais; ao contrário, elas se orientam para atividades instituídas por complexas redes imaginárias em que a forma histórica muda e seu conteúdo é dominado pelo imaginário. Toda sociedade apresenta uma funcionalidade que se organiza em torno de uma pseudorracionalidade. (CASTORIADIS, 1991, p. 180-188).

Por meio de condições imaginárias em torno dos contos de fada e do próprio imaginário do cinema, são articulados signos que compõem enunciados formando um processo dialógico que faz de Shrek 2 um complexo emaranhado de diálogos com várias outras produções, além da própria situação de realidade social que a história evidencia: seja quando um garoto tira o pó de um cavalo no sinaleiro, como um flanelinha, por alguns trocados; seja no *glamour* das mansões do mundo dos sonhos hollywoodiano; ou ainda, quando os produtores do filme, DreamWorks SKG / Pacific Data Images, são concorrentes diretos da Walt Disney no mercado cinematográfico e produzem um filme subvertendo contos de fadas, originalmente adaptados ao cinema pela Disney.

Fazendo parte dos gêneros carnalizados e integrando a sátira menipeia, a paródia em Shrek 2 critica a ideologia moralizante e estreita de união entre iguais, isto é, que fazem parte da mesma classe social ou a ela ascendam por méritos próprios: atos heróicos, predados excepcionais, dons extraordinários.

Os personagens realizam transformações físicas na tentativa de se adaptar às circunstâncias; o que pode se caracterizar como as ações heroicas é a reação diante das adversidades, muitas delas coletivamente partilhadas. Oposição, contraste, o sublime e o vulgar sustentam-se repetindo o já visto e instituindo a diferença.

Referências

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO et al. (org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1995.

_____. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2001.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

FORMENTÃO, Francismar; HENRIQUES, Maria José Rizzi. A comunicação dialógica em Shrek 2. In: Maria José Rizzi Henriques, Francismar Formentão. (org.). *Estudos em Bakhtin I: Interdisciplinaridade, comunicação e artes*. Cascavel: Coluna do Saber, 2008.

FORMENTÃO, Francismar. Cinema de animação: imagens de um outro cinema? In: *Anais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*. Londrina: Intercom, 2011.

GRIMM, Jacob e Wilhelm. *Contos e lendas dos irmãos Grimm*. (V. diversos). São Paulo: EDIGRAF, 1961.

SHREK 2. Direção: Andrew Adamson. Produção: Jeffrey Katzenberg; Aron Warner. Califórnia: DreamsWorks Animation, 2004, 1 DVD (105 min.)

STAM, Robert. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. São Paulo: Ática, 2000.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof. Ms^a. Eglecy Lippmann
Coordenador Geral Curso

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Crissi Knuppel
**Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do
Curso**

Prof. Ms. Felipe Rodrigo Caldas
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms^a. Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

GLady / Pixabay
Elementos gráficos